

# **CIVILIZAÇÃO E CULTURA: GÊNESE DE UM CONFLITO**

## **Elementos para re-pensar os diagramas da prática estatal moderna<sup>1</sup>**

**Fernando Juan Garcia MASIP**  
Universidade Federal da Bahia

### **RESUMO**

Diferentemente de Kant e Nietzsche, para quem há conflito entre os conceitos de cultura e civilização, para Freud os dois termos significam a mesma coisa. Além disto ele não vê o Estado como produto da civilização contra a cultura. O Estado é uma das instituições da cultura e, como tal, faz parte das forças que devem proteger o homem contra a natureza. Mas o Estado não realiza corretamente a sua tarefa de civilização na medida em que exige dos indivíduos muitos sacrifícios sem a compensação adequada. Neste sentido ele se alia àquelas forças que a cultura tenta coibir, a pulsão de morte e seus representantes, a pulsão agressiva e de destruição. Ele precisa, por conseguinte, ser reconduzido aos caminhos da Razão.

### **RÉSUMÉ**

Autrement que Kant et Nietzsche, qui voient des conflits entre les concepts de culture et de civilisation, pour Freud les deux termes signifient la même chose. En outre il ne voit pas l'État comme produit de la civilisation en opposition à la

culture. L'État est une institution culturelle et de cette façon il prend part aux forces qui doivent protéger les hommes contre la nature. Mais l'État n'accomplit pas sa tâche de civilisation à mesure que demande des individus beaucoup de sacrifices sans la juste compensation. En ce sens il s'allie aux forces que la culture cherche à reprimer, c'est-à-dire, la pulsion de morte et ses rejets, la pulsion agressive et la pulsion de destruction. Par conséquent il a besoin d'être reconduit aux chemins de la Raison.

O conflito entre os conceitos de **cultura** e de **civilização** foi, para Kant, um problema categórico-moral; para Nietzsche, uma questão de ética do desejável; e para o Freud do **Mal-estar na Cultura**, tal conflito inexistente. **Cultura** e **Civilização** são dois termos que, no entender deste último pensador, significam a mesma coisa.

Mas sempre foi deste modo? Os termos, propriamente ditos, possuem origens lingüísticas diferenciadas. Não só. Os termos pertencem a **Culturas** diferentes. Eles foram produzidos sob circunstâncias históricas e territoriais que buscavam significar experiências próprias e irreduzíveis.

E a questão do Estado está presente, de maneira significativa, no núcleo desse conflito.

## 1 - SÓCIO-GÊNESE DOS CONCEITOS DE CULTURA E DE CIVILIZAÇÃO

Norbert Elias, em sua obra **O Processo civilizacional**<sup>2</sup>, define o conceito de **civilização** como sendo expressão própria da "autoconsciência de Ocidente"<sup>3</sup>. Tudo aquilo que a sociedade ocidental moderna acredita ser, nos últimos três séculos, se condensa nesse conceito para diferenciar-se das sociedades mais primitivas. Porém Elias adverte que o conceito de **civilização** não tem o mesmo significado nas várias nações européias e nas diversas épocas históricas. Para as línguas inglesa e francesa, o conceito exprime o orgulho pela importância do papel das respectivas nações no progresso do Ocidente e da Humanidade. Já no alemão, o termo **Zivilisation** significa um valor secundário, vinculado a aspectos de exterioridade

ou de superficialidade da existência humana. O conceito forte em alemão é o de **Kultur**.

O conceito alemão de cultura faz sobressair as diferenças nacionais. Já o conceito de civilização, em contrapartida, atenua essas diferenças e acentua o que é comum a todos os homens para além das fronteiras nacionais ou territoriais. Na utilização do conceito de **Kultur**, Elias nos assegura que a nação que assim o utiliza é porque busca, repetidamente, reconstituir e consolidar sua identidade nacional também permanentemente submetida a reflexão e questionamento próprios. Conseqüentemente, o que estes conceitos põem em jogo são duas maneiras diversas de explicar a experiência espiritual e política de povos diferentes. O conceito de cultura, para os alemães, contém uma tradição e uma afetividade existenciais dificilmente transmissíveis para povos que possuem outro modo de se auto-definirem.

Segundo Elias pode-se procurar a oposição - na Alemanha - entre os conceitos de **Kultur e Zivilisation** no século XVIII. E é o próprio Kant que faz e define o teor desta oposição, no campo da reflexão filosófico-política.

Kant, no seu opúsculo **Idéia de uma história universal com um propósito cosmopolita** de 1784<sup>4</sup> afirma na sétima proposição que:

“Estamos **cultivados** em alto grau pela arte e pela ciência. Somos **civilizados** até em excesso, em toda a classe de maneiras e na respeitabilidade sociais.”<sup>5</sup>

Desse trecho Elias comenta como, para Kant, a **civilização** é sinônimo de boas maneiras. Inclusive o excesso desse cultivo civilizacional é propriamente superficial e secundário, no caso, para os alemães. Poder-se-ia afirmar que é um **galicismo, ou um maneirismo afrancesado**, o que muito desgostava à classe média alemã da época. O trecho de Kant prossegue da seguinte maneira:

“Mas falta ainda muito para considerar-nos **moralizados**. Com efeito, a idéia de moralidade faz ainda parte da cultura; mas o uso desta idéia, que se restringe apenas aos costumes no amor

matrimonial e na decência externa, constitui simplesmente a **civilização**.<sup>6</sup>

Vemos como, para Kant, o conceito de civilização está ligado a um efeito de ornamentação que tem como propósito guardar as aparências dos bons costumes. E isso não tem nada a ver com a moralidade propriamente dita. Pode-se ser imoral e civilizado, ao mesmo tempo. A moralidade é propriamente um valor **cultural**. Logo, oposto ao conceito de **civilização**.

O que é importante para o espírito alemão no dizer de Elias, é que o conceito de **Kultur** está ligado ao conceito de **Bildung**. Embora esta identificação não seja originária, pois os conceitos circulam antes do século XVIII de modo autônomo; posteriormente, eles vão se aproximando até se constituírem com um mesmo sentido significativo. A **Bildung**, segundo Elias, é traduzida como “formação ideal”, no sentido de realizações e de concretizações humanas, ou seja, culturais.

É interessante notar que, para Kant, o tema da **Bildung** aparece também, em outros trechos diferentes aos citados e comentados por Elias. É que a proposição sétima trata de como uma **comunidade** se dá sua própria constitucionalidade, ou seja, sua própria formação ideal. Para Kant a **Bildung** (a formação) dos cidadãos se produz depois de uma longa preparação interna das comunidades particulares. Uma preparação **moral**, evidentemente, e que somente será alcançada com uma constituição que seja a expressão da liberdade moral do conjunto dos indivíduos. Ora, esse ápice da formação moral e política da sociedade civil é **Kultur**. E não civilização. Pois a civilização, como já apontamos, é tudo aquilo que para Kant não seriam mais do que boas maneiras exteriores.

Mas o que significa **Kultur** para Kant? Lyotard nos diz que, para Kant, a cultura propriamente dita “é a aptidão de propor-se, em geral, fins.” Efetivamente, na sua **Crítica do Juízo**<sup>7</sup> Kant afirma:

“A produção da aptidão de um ser de acordo com quaisquer finalidades em geral (e conseqüentemente na sua liberdade) é a **cultura**. Logo, somente a cultura pode ser o fim último que temos razão de atribuir à Natureza em relação à

espécie humana (e no seu próprio bem-estar sobre a terra, ou o fato de ser o mais nobre instrumento para estabelecer ordem e harmonia na natureza desprovida de Razão, fora do homem).”<sup>8</sup>

Para Kant, o desejo natural do homem de procurar a felicidade - tal como estaria na **Ética a Nicômaco** de Aristóteles<sup>9</sup> - não é a finalidade da existência do homem. Mas, aristotelicamente falando, a cultura é onde se desdobra racionalmente o sentido contido na própria Natureza. Na Cultura é onde ele se torna **sentido**, pois é uma Natureza aculturada, significada, porque conhecida pelos homens. Sem essa significação, afirma Kant, estar-se-ia num **deserto**.

Nota-se a oposição entre as idéias de Natureza e de Cultura; entre desejo e moral, falando kantianamente. Sim, porque o homem somente pode ser uma finalidade da criação como ser **moral**<sup>10</sup>. O desejo somente tem sentido se ele se adequar a uma finalidade moral. Em Kant, não existe desejo **contra Natura**, mas desejo **contra Cultura**. A felicidade não é a realização dos desejos (naturais), a felicidade se atinge quando se consegue atingir a **moralidade**. Decorrente disso, segue-se que a cultura é, para Kant:

“**O homem submetido a leis morais**; é assim que pode valer, para nós, como verdadeiro o a **priori**, ao contrário dos fins da Natureza na ordem física que não podem ser conhecidos a **priori**; embora não possamos compreender, de forma alguma, que uma Natureza exista sem eles.”<sup>11</sup>

Kant está inserido no “espírito de uma época” que busca pensar e consolidar idéias **fortes** sobre a Cultura, a Civilização e a Natureza. Na Alemanha da época, conta Elias, o que se demarca é uma separação das origens sociais que dão nascimento aos conceitos de **Cultura e de Civilização**. A Civilização é um conceito da aristocracia afrancesada alemã, um termo empregado pela Corte para se referir aos feitos de uma camada superior de homens ocidentais europeus. Já o conceito de cultura é o resultado de uma proposição social contrária à Aristocracia emanada da classe média intelectualizada alemã. Deste modo, Elias afirma que a **civilização** tornou-se sinônimo de **cortesias** e **cultura** de **virtude autêntica**.

A classe média intelectualizada alemã cunha os conceitos de **Kultur** e de **Bildung** como especificamente nacionais, para se oporem às importações francesas e inglesas que dominavam as cortes européias. Percebe-se que a criação-consolidação desta oposição tem necessidades estratégicas político-nacionalistas de uma classe social ascendente.

O ser culto e o ser civilizado se chocam no espírito alemão do século XVIII. Escreve Elias:

“Superficialidade, cerimonial, conversação dirigida à exterioridade, por uma lado, e interioridade, profundidade de sentimentos, leitura, formação da personalidade individual, por outro - é a mesma oposição que Kant exprime na sua antítese, referida a uma situação social muito específica, entre o ser civilizado e o ser culto.”<sup>12</sup>

A Universidade tornou-se um “contracentro” que a classe média alemã - que não participava das decisões políticas da Nação - opunha à Corte. A Cultura universitária representava o próprio do novo espírito alemão em formação. E quem diz Universidade diz, no correto entender de Elias, o espaço de formação de uma nova camada de dirigentes políticos e públicos que irão tomando lugar no aparelho do Estado. E, com eles, irão para dentro do Estado as concepções de Cultura e de formação **nacionais** do espírito do povo alemão.

Estas condicionantes siciogenéticas dos conceitos referidos em alemão devem ser articuladas de maneira contraditória com a sociogênese francesa porque, segundo Elias, é dessa oposição que surgem não só diferenças inequívocas mas, também, sutis aproximações e derivações desses conceitos inter-nacionais.

No caso da sociogênese do conceito de **civilisation** na França, o autor explica como a intelectualidade burguesa e os grupos dominantes da classe média foram incluídos, relativamente mais cedo do que na Alemanha, nos círculos da sociedade cortesã e aristocrática do seu país. Deste modo, a burguesia intelectualizada francesa foi ocupando, já no **Ancien Régime**, lugares de destaque junto a protetores da corte e, ao mesmo tempo, junto aos negócios do

Estado. Esses grupos intelectualizados e administradores dos negócios públicos da Monarquia Absoluta são os que preparam a possibilidade de instituir um conceito forte de civilização, porque, inicialmente, em meados do século XVIII, segundo a pesquisa de Elias, o conceito de **civilisation** tinha uma conotação parecida com a de Kant. É Mirabeau pai que usa, pela primeira vez, esse termo no sentido de ser um jogo de aparências, de mascaramento educado da virtude (**politesse**), de abrandamento dos costumes de um povo. Escreve Elias:

“Conceitos como **politesse** ou **civilité** tiveram, antes de se ter formado e imposto o conceito de **civilisation**, exatamente a mesma função que este: exprimir a auto-consciência da camada superior da Europa em relação a outras camadas por ela consideradas mais simples ou mais primitivas e, ao mesmo tempo, caracterizar o comportamento específico através do qual essa camada superior se sentia distinta da gente mais primitiva e mais simples.”<sup>13</sup>

A questão primordial na França não é a de opor a esse conceito de civilização um outro mais forte e diferenciado (do tipo alemão **Kultur/Zivilisation**). A questão que Mirabeau pai inaugura é que ao conceito **fraco de civilisation** lhe seja oposto um sentido **forte** do próprio conceito de **civilisation**. Os intelectuais franceses não renegam o conceito, pois foi produzido por essa aproximação entre a burguesia e a aristocracia monárquica; tanto é deles como dos príncipes. O ponto de oposição consiste em dotar o conceito de uma força diferenciadora que faça jus à dominação burguesa que está em vias de se instituir. Existe, pois, uma **falsa civilização** e uma **civilização genuína, autêntica**. Essa é a preocupação em curso na França pré-revolucionária.

O conceito de civilização é um conceito que já traz em si mesmo uma carga política reformista no âmbito cultural francês de meados do século XVIII. Os fisiocratas, como Quesnay e Mirabeau, oferecem uma teoria do social determinado por rígidas leis análogas às da Natureza. Se os governantes não compreenderem estas leis e insistirem em determinar tudo desde sua posição de humanos falíveis, a barbárie ou a falsa civilização prevalecerão na França. É com o

entendimento e aceitação de que a economia, a política e a sociedade são o resultado de um macro-processo regido por leis próprias, que se poderá controlar o sentido do seu progresso para o bem-estar da população. O Absolutismo monárquico pensa ainda em querer determinar os rumos da sociedade quando, para os fisiocratas, isto se torna cada vez mais insustentável. Eis que no próprio seio do **Ancien Régime** posições como estas vão ganhando adeptos nas camadas administrativas do aparelho do Estado. Este já era composto por inúmeros funcionários originários da burguesia e da classe média. O próprio Mirabeau, detalha Elias, recomenda ao Monarca que siga as indicações do projeto fisiocrata, para evitar que o excesso de dinheiro circulante acabe com a indústria e as artes, e lance na pobreza e na decadência a **civilização**.

Mas a **civilisation**, neste segundo caso, é a civilização autêntica. A civilização que se opõe à barbárie e à falsa civilização dos bons costumes. Por outro lado, o conceito também adquire outro sentido mais profundo. É que a civilização torna-se um processo que deve ser prosseguido pela obra sócio-política. Esse processo de civilizar torna-se, para o projeto reformista um civilizar elasticado: deve-se civilizar também o Estado, a Constituição, a educação, a própria população, conseqüentemente.

Para a "cultura" francesa, o conceito de **civilisation** tomará, aos poucos, uma tonalidade **universalista**. Se no discurso da Revolução francesa o conceito não foi importante, como tinha sido nos anos pré-revolucionários, depois de esfriada a Revolução e com a burguesia no poder político do Estado, inicia-se uma retomada do conceito articulador do discurso expansionista e colonialista do Império. Napoleão iniciara sua campanha no Egito em 1798 lançando seus soldados na conquista de outros territórios em nome da **civilisation**.

Escreve Elias em resumo:

"O conceito francês de **civilisation** reflete o específico destino social da burguesia francesa na mesma medida em que o conceito de **Kultur** reflete o da burguesia alemã."<sup>14</sup>

A **civilisation** torna-se um instrumento conceitual universalizado pela burguesia francesa, que se opõe ao sentido particular e próprio de **Kultur** que a burguesia alemã lhe imprime. De qualquer modo, os alemães não farão muitas concessões ao conceito de civilização. Se em Kant era equivalente a valores não morais, a valores não autênticos, em Nietzsche acontecerá uma coisa parecida, mas em Freud a dicotomia desaparecerá, definitivamente, como veremos a seguir.

## 2 - NIETZSCHE: CULTURA CONTRA CIVILIZAÇÃO.

Deixando de lado - por enquanto - a análise sociogenética de Elias, mas utilizando-nos dos seus esclarecimentos, mergulharemos no sentido que esses dois conceitos significam para o pensamento de Nietzsche e em Freud. Em Nietzsche aparece de modo justificado, porque - como veremos - existe uma relação teórica explícita com o tema do Estado. Em Freud é mais difícil de se obter esta ligação imediatamente, porém no Ensaio **Considerações de atualidade sobre a guerra e a morte** de 1915 já se inaugura essa discussão, apesar de sempre ficar um pouco na sombra uma definitiva idéia sobre o Estado.

Paul-Laurent Assoun, no seu livro **Freud y Nietzsche**<sup>15</sup>, afirma que, para os citados pensadores, a civilização não somente está doente mas ela é a doença, na medida em que se tornou um obstáculo para a satisfação das pulsões. Só que para Nietzsche **Zivilisation** e **Kultur** são termos opostos, inscrevendo-se, assim, na tradição alemã que sustenta esta oposição desde o século XVIII. No caso de Freud, apesar do fato de que esta oposição parece existir nos mesmos moldes dessa tradição, os conceitos de **Zivilisation** e de **Kultur** se confundirão, prevalecendo o de Cultura. Cultura e Civilização serão uma mesma coisa para o Freud do **Mal-estar na Cultura**, sendo que o conceito de Cultura assimilará o de Civilização.

Para Nietzsche, a Civilização é doença, porém a Cultura não. Ele escreve na **Vontade de poder**<sup>16</sup>:

“Os pontos culminantes da cultura e da civilização estão separados um do outro: não devemos nos deixar induzir no erro sobre os profundos antagonismos da cultura e da civilização. Os grandes momentos da cultura foram sempre, moralmente falando, épocas de profusão e de corrupção; e, ao contrário, foram as épocas da domesticação voluntária e forçada do homem (“civilização”), épocas de intolerância para as naturezas mais espirituais e ousadas. A civilização quer alguma coisa diferente do que a cultura quer: talvez coisas contrárias...”<sup>17</sup>

Para Nietzsche, no dizer de Assoun, os momentos culminantes da Cultura foram a Antiguidade grega e a Renascença italiana. Os espíritos, nessas épocas, produzem profusamente e a corrupção se refere à empresa de liberação dos constrangimentos morais e civilizacionais. Estes são índices da domesticação do espírito. A **Zivilisation** é a doença do espírito humano. A **Kultur** - pelo contrário - a sua cura.

Entre as instituições que “representam” essa doença civilizacional está o Estado. Nietzsche afirma no **Crepúsculo dos ídolos**<sup>18</sup> que

“A cultura e o Estado - não nos enganemos sobre este ponto - são antagonistas: **Estado cultural** é simplesmente uma idéia moderna. Um vive da outra; um prospera da outra. Todas as grandes épocas da cultura são tempos de decadência política; o que é grande no sentido da cultura foi impolítico, até antipolítico...”<sup>19</sup>

O Estado é, deste modo, concebido como uma obra civilizacional política contrária à cultura. Quando o Estado se apossa dos processos culturais, quando os **politiza**, está entrando-se numa fase de decadência da **Kultur**. A face política da civilização - o Estado - é para Nietzsche um momento **apolíneo** do espírito humano:

“Tal é o primeiro efeito da tragédia dionisíaca que o Estado e a sociedade - todos os fossos que separam os homens - deixam o lugar ao todo-potente sentimento de unidade que reconduz o ser ao seio da natureza.”<sup>20</sup>

O apolíneo é a **força** que cria esses fossos, essas separações entre os homens. E a forma mais apolínea do Estado na época da Antiguidade grega está representada pelo espírito **dórico** que também cria uma arte horrível, segundo Nietzsche<sup>21</sup>.

A oposição entre cultura e Estado é um lastro da tese de Burkhardt que Nietzsche incorporou desde sua leitura de **A cultura da Renascença italiana** de 1860. Colli<sup>22</sup> comenta a respeito que, para Nietzsche, essa oposição das duas **forças** é sempre uma luta onde o Estado está do lado da civilização contra a cultura:

“A ciência grega não alcançou um grande desenvolvimento tecnológico porque não quis alcançá-lo. Com o silêncio a ciência assusta o Estado e é respeitada. O Estado somente pode viver, lutar e se fortalecer com os meios oferecidos pela cultura: é alguma coisa que ele sabe perfeitamente”.<sup>23</sup>

Deste modo, entendemos como a **cultura** pode viver sem o Estado, mas também entendemos como o **Estado** não pode viver sem a cultura. Transforma a cultura em sintoma civilizatório, guiando-a e aceitando-a nos modelos, nas normas e nas necessidades estatais. Colli está referindo-se àquele postulado de Nietzsche sobre o **Estado cultural** que somente é realizável pelo **solo** epistêmico-político da modernidade. Mas Colli refere-se a mais do que isso, refere-se ao fato de que, em qualquer época da cultura, a presença do Estado “tolera” a cultura, na medida em que esta seja institucionalizada segundo práticas estatais. No caso contrário, quando o Estado é débil, quando o solo epistêmico-político não fornece as condições para que o Estado faça da Ciência sua aliada incondicional - é o caso da Antiguidade grega e da Renascença italiana - os choques entre as esferas **cultural** e **civilizacional** se instituem: ou como respeito à cultura por parte do Estado ou como repressão àquela por este (como tantos exemplos existentes na história).

Para Kant - como já o analisamos - a **Kultur** se opõe à **Zivilisation** e ao mesmo tempo se opõe à **Natur**, assimilando-a numa **moralidade teleológica**. No caso de Nietzsche, e em franca oposição a Kant, a proposta que vai ser oferecida **intempestivamente** é a de uma Ética como “**Filosofia do desejável**”. Precisamente na Vontade de Poder, Nietzsche propõe a crítica ao “dever ser” de origem kantiana:

“Deve ser de outra maneira, “deveria chegar a ser de outro modo”: nesse caso, o **descontentamento** seria o fundo da ética.”<sup>24</sup>

Nietzsche se pergunta pelo “desejo” implícito que existe nesse descontentamento pelo que é e que impulsiona criticamente a sempre propor um “deveria ser”. Esse desejo, afirma ele no final do citado parágrafo, o desejo de dominar o Universo. A busca de um dever ser é a busca de uma universalização moral da vida dos homens:

“Aí se expressa uma necessidade que pede que nosso humano **bem-estar** corresponda ao plano do universo.”<sup>25</sup>

A Ética é uma filosofia do desejável. O desejo não é um objeto de conhecimento que se torna adequado à vida do homem quando da sua **moralização**. Quer dizer, quando da sua **universalização**. **Afirmar o desejo como ele é e não como ele deveria ser tal é a proposta nietzscheana.**

“Afirmar o que é - tal como é - é infinitamente mais sério, mais elevado do que qualquer “deveria ser assim” (...) pedir que alguma coisa seja de um outro modo a como ela é, equivale a pedir que **tudo** seja de uma outra maneira pois supõe uma crítica do todo. Mas a propria vida constitui semelhante desejo!”<sup>26</sup>

Em síntese, Nietzsche nos servirá, de agora em diante como estratégia comparativa com o posicionamento de Freud a respeito deste tríptico temático: **Cultura, Civilização, Estado**. Nietzsche estabelece, pois, uma oposição entre os poderes da cultura e da civilização e vê no Estado a forma institucional política da civilização, logo em oposição, também, à cultura.

### 3 - FREUD: CULTURA = CIVILIZAÇÃO.

Freud segue um outro percurso diferente do de Nietzsche para a resolução das relações dos termos conceituais desse tríptico temático que estamos propondo.

Inscrito na tradição **cultural** alemã, Freud vai também optar pelo conceito de **Kultur** para fundamentar seu posicionamento. O texto freudiano que, de alguma forma, inaugurou, de maneira mais organizada, a problemática da **cultura** foi **Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna**<sup>27</sup> de 1908. Nesse ensaio, Freud oporá, pela primeira vez<sup>28</sup> de modo articulado, a **cultura** e a **sexualidade**.

A sentença capital desse ensaio é:

“Nossa cultura descansa totalmente sobre a repressão das pulsões.”<sup>29</sup>

**(Unsere Kultur ist ganz allgemein auf der Unterdrückung von Trieben aufgebaut)**

A vida pulsional e, especificamente a pulsão denominada **sexual**, entra numa articulação contraditória com o mundo cultural. O problema para Freud, nessa época, é avaliar quais são os benefícios e os prejuízos que a existência - como constatação - dessa repressão, produto da cultura, trazem para o indivíduo moderno. O risco é o empobrecimento gradual da vida sexual; por outro lado, o risco é o advento da neurose e da perversão. Mas Freud não deixa de ver - apesar de lamentar - a necessidade de contenção das pulsões sexuais - repressão mesmo - das quais será reutilizada a energia para os usos sublimados que a sociedade requer para o andamento cultural. Sem repressão cultural não há “civilização” humana, mesmo que isso custe um alto preço para a vida sexual. Curiosamente, para Freud, a neurose e seu incremento nos indivíduos que compõem a sociedade, é um indicativo do **fracasso** da ação cultural. A neurose “preserva” em estado de crisálida as pulsões reprimidas. Não deixa transformá-las pela ação sublimatória que é o único modo aceito pela própria cultura para ela ser o que é. O excesso de repressão não faz mais do que reforçar e manter essas pulsões que deveriam ser desmontadas e reconduzidas pelo labor cultural da civilização moderna. Esses são os riscos.

O que vemos, de início, nas preocupações freudianas é que a **Kultur** se opõe à **Natur**. Entenderemos por **Natur** a própria natureza pulsional dos indivíduos. Mas também entenderemos que em Freud se prolonga uma polêmica bem mais profunda da **cultura**

**filosófica e científica** alemãs do século XIX, que opunha - precisamente - a Cultura e a Natureza.

Se, para Nietzsche, a **cultura** em oposição à **civilização** recolhe o que há de melhor do humano - evitando-se cair num naturalismo - para Freud, a cultura é a oposição à **natureza** humanizada.

Poucos anos depois, Freud retomou à esse tema no artigo **Sobre uma degradação geral da vida erótica** de 1912 - do mesmo período de reflexão do **Totem e Tabu** (1912-1913). Nele, repete a oposição entre pulsão sexual e cultura. Escreve:

“Deveremos, pois, familiarizar-nos com a idéia de que não é possível harmonizar as exigências da pulsão sexual com as da cultura...”<sup>29</sup>

A única “solução” possível no entendimento freudiano, deste conflito, é que as pulsões sexuais não satisfeitas derivem sublimatoriamente rumo à obra da cultura. É na cultura - paradoxalmente - e a favor da cultura que o homem moderno, insatisfeito sexualmente, encontrará o modo de satisfazer essas pulsões. Deste modo, nessa radical oposição quem deve levar a melhor é a cultura, contra os impulsos sexuais “naturais”, diferentemente de Nietzsche quem propõe a **Kultur** como aliada da **Natur** contra a civilização. Em Freud, as tendências pulsionais que derivam na cultura incluem-se na corrente da civilização humanizante.

Em **Totem e Tabu** de 1913, Freud tentará reconduzir essa oposição para uma primeira articulação não contraditória. Apoiando-se nas teses de Haeckel e de Darwin segundo as quais a **ontogênese** seria uma breve e imperfeita recapitulação da filogênese<sup>31</sup>, Freud vai justificar como o sujeito individual moderno - e em especial aquele afetado pela neurose - condensa no seu ser individuado toda a experiência da cultura humana desde sua pré-história. Isto significa que o neurótico submetido ao exame analítico permite esclarecer - tal como afirma Assoun<sup>32</sup> - as origens “naturais” do ser pré-histórico e seu périplo civilizatório até nossa época. O que **Totem e Tabu** - resumidamente - propõe é que a **história** do conflito entre a **Natur** e a (**kultur** se encontra gravada, registrada, em cada ser humano

individual, sendo que no neurótico tal conflito mais “fácil” de ser localizado, porque ele é a amostra **viva** do conflito no seus momentos e expressões mais primitivos. Deste modo, a **natureza** e a **cultura** encontram um jeito diferente de se amalgamarem na teoria “etnológica” de Freud. Escreve ele:

“(…) as neuroses são formações associas que tentam realizar com meios particulares o que a sociedade realiza por meio do esforço coletivo. Se analisarmos as pulsões que constituem a base das neuroses, descobriremos que a influência (**Einfluss**) nelas determinante é exercida por forças pulsionais de origem sexual (**Triebkräfte sexueller**); por outro lado, as formações culturais (**Kulturbildungen**), baseiam-se em pulsões sociais, originadas da reunião (**Vereinigung**) de fatores egoístas e eróticos.”<sup>33</sup>

O conceito de “formações culturais” é o primeiro a chamar nossa atenção. Ele é utilizado por Freud exatamente naquele espírito a que Elias se referia para a definição do conceito de **Kultur** pela classe média intelectualizada alemã do século XVIII, ligado intimamente ao conceito de **Bildung**. Quer dizer, a cultura é o resultado de “configurações” (**Bildungen**) pulsionais sociais. No caso que Elias narrava, as **Bildungen** da referida intelectualidade alemã eram o resultado de um trabalho sobre o **espírito**, feito a partir do enriquecimento interior e da personalidade do indivíduo através de livros, ciência, filosofia, religião, arte, reflexão pessoal. Mas a neurose, no caso de Freud, origina-se em forças pulsionais de natureza sexual que se opõem às configurações culturais. Vemos, nesta operação, a oposição entre **natureza e cultura**: pulsões sexuais (**naturais**) contra configurações pulsionais sociais (**culturais**)<sup>34</sup>. Mais do que uma tragédia, Freud nos conta o drama do homem individuado moderno.

Em todo caso, é esse drama historicizado individualmente que recapitula o desenvolvimento “civilizacional” da humanidade. As questões centrais que Freud trata em **Totem e Tabu** sobre a horda primitiva e o assassinato do Pai originário não serão tratadas aqui.

Pulamos, de propósito, as **Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte** de 1915 porque é com esse ensaio que queremos encerrar o presente ensaio, por motivos

que serão expostos no momento pertinente. Por isso queremos passar diretamente ao **Futuro de uma Ilusão** de 1927 e ao **Mal-estar na Cultura** de 1930, onde o conflito entre **natureza** e **cultura** se esclarece definitivamente no pensamento de Freud.

No **Futuro de uma Ilusão** Freud afirma, taxativamente, bem no início do seu trabalho que:

“A cultura humana (**menschliche Kultur**), expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais - e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização (**und ich verschmahe es, Kultur und Zivilisation zu trennen**)-, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador.”<sup>35</sup>

Antes de prosseguir com os dois aspectos, paremos em torno dessa identidade que Freud estabelece entre **Kultur** e **Zivilisation**. A operação conceitual que ele faz ao procurar uma identidade entre esses termos, acaba com as oposições próprias à cultura alemã do século XVIII e prolongadas no século XIX tais como as encontramos em Nietzsche. Se a civilização e a cultura eram conceitos opostos em Kant, privilegiando-se a cultura como prática moral profunda e desprezando-se a civilização como sendo superficial; se em Nietzsche esta oposição fundamentava também a cultura como o ponto forte do espírito dionisíaco-natural frente a obra civilizacional-apolíneo-estatal, em Freud esta oposição é **de se desdenhar (Verschmahen)**, não é relevante; poderíamos afirmar, inclusive, que é inexistente. O termo **forte** utilizado por Freud na sua obra é o de **Kultur** mesmo. Quer dizer, Freud opta radicalmente pelo termo **Kultur**, não mais preocupado, como seus antecessores com a oposição à **Zivilisation**. No imaginário conceitual freudiano tal oposição é irrelevante e, precisamente por esse motivo, algumas questões - tais como a ligada ao problema do Estado - vão se resolver diferentemente de outros pensadores.

Acreditamos que a filiação freudiana à oposição **Kultur** contra **Natur** é mais forte devido ao surgimento, no século XIX, na Alemanha, de uma forte reação contra as Ciências da Natureza (**Naturwissenschaften**) que sustentam um conceito de **Natureza**

como centro epistêmico da sua reflexão; reação proveniente da instituição das Ciências do Espírito (**Geisteswissenschaften**), principalmente de uma **hermenêutica** histórica, que postula a crítica do conceito de Natureza como metafísico e impossibilitador de respostas no âmbito da obra propriamente cultural.

Curioso é que Freud opte por inscrever a Psicanálise no campo epistêmico das Ciências da Natureza. Como afirma Assoun<sup>36</sup>, essa opção é clara e contundente em Freud desde o **Projeto para uma psicologia científica** de 1895. Curioso, porque Freud dará seu apoio a uma teoria da Cultura e fará suas críticas à Cultura nessa opção epistêmica. Mas veremos, um pouco mais adiante, que Freud está mais **ambíguo** em relação a isto do que parece numa primeira aproximação.

Voltemos à continuação da citação do **Futuro de uma Ilusão**. Freud diz, a seguir, que a cultura humana tem dois aspectos que devem ser levados em consideração. Primeiramente, a cultura compreende todo o saber e o poder conquistados pelos homens para dominar as forças da natureza e extrair desta os bens naturais para satisfazer suas necessidades materiais. Em segundo lugar, a cultura é o conjunto das organizações necessárias à regulamentação das relações dos homens entre si e, especificamente, à distribuição desse bens naturais obtidos. Os dois aspectos estão intimamente ligados, pois os bens naturais satisfazem pulsões instintuais humanas e um homem considerado individualmente pode se transformar num bem natural para outro homem ou num objeto sexual.

Deste modo, a cultura é tudo aquilo que se eleva (**Erheben**) por sobre as condições animais; também é o saber e o poder que esta elevação deu aos homens (e por meio dos quais eles continuam a se elevar); e, em terceiro lugar, a cultura é a organização social que estes homens se deram para manter essa elevação garantida.

Assim, vemos como a luta conceitual se concentra não mais no binômio **Kultur/Zivilisation** - com a ajuda de Freud, o conceito de civilização é nocauteado definitivamente pelo de cultura -, mas no binômio **Kultur/Natur**. A cultura é tudo aquilo que diz respeito ao propriamente humano, no sentido de uma obra que o diferencia, elevando-o acima das outras espécies. A imagem de

transcendência e hierarquia da cultura por cima da natureza é eloqüente. A cultura não é imaginada como uma prolongação, uma transformação ou uma diferenciação simplesmente de grau (outras tantas imagens estariam contidas também nessas opções conceituais), ela é imaginada bem no espírito iluminista da Ciência moderna: como dona e senhora do mundo, que tem por missão elevar-se e controlar a Natureza.

A Natureza, assim posicionada, torna-se um ente perigoso - por **ser selvagem**<sup>37</sup> - e que, por isso mesmo, deve ser domesticado. No **Futuro de uma Ilusão** Freud desmonta os mecanismos psíquicos e culturais que asseguram a criação de **ilusões** com as quais os homens tentam esconder a verdadeira natureza das coisas. A questão é sabermos até que ponto a própria idéia de Natureza é uma Ilusão que opera para preencher o vazio conceitual de fenômenos que, na verdade, são governados mais por imagens paranóicas do que pelo "rigor científico". Se a Ilusão - tal como Freud a conceitua - se caracteriza pelo fato de ser derivada de desejos que se bastam por si mesmos, sem nenhuma comprovação por meio da experiência, o que nos assegura, como diz Rosset<sup>38</sup>, que essa idéia - a de Natureza - não seja mais do que um desejo de pertencer a um princípio transcendente ou se opor - como contra-desejo - a esse princípio transcendente, utilizando-se de um outro da mesma espécie que se lhe **oponha**<sup>39</sup>?

Baseando-nos nestes esclarecimentos, não é de surpreender, então, que Freud inscreva sua Ciência - a psicanálise - no território das Ciências da Natureza. Não é de surpreender o porquê dele acreditar que essa Natureza exista como natureza pulsional ou instintual, contra a qual a cultura vai se posicionar. Então, deve-se estudar essa natureza porque é o princípio do existente psíquico. É claro que, para Freud, a psicanálise não é uma Ciência natural nos mesmos termos de outras propriamente ditas. Ele considera a Psicanálise como uma Ciência Especial (**Spezialwissenschaft**). Ou seja, não deixa de se utilizar do rigor metodológico e científico das Ciências Naturais, porém sem fazer depender a teoria, o método e a técnica psicanalíticas dos objetos epistêmicos das Ciências naturais, porque o objeto epistêmico diferenciado é o inconsciente, que é como um reservatório natural. Um inconsciente pleno de vida naturalizada,

dentro do qual, e com o avanço teórico, Freud oporá teses dinâmicas e econômicas: as pulsões do **eu contra** as pulsões sexuais; o **Id contra** o qual se posicionam o Eu e o Super-Eu; a pulsão de vida **contra** a a pulsão de morte.

Não se pode afirmar que Freud não tenha uma comprovação, baseada na experiência clínica, de que os seus conceitos **funcionam**. Pelo contrário, funcionam. Neuróticos se curam. Mas a dinâmica pulsional continua a ser uma **natureza** “primitiva”<sup>40</sup> que pode ser entendida, compreendidos seus representantes desejantes, tomado consciente o inconsciente. Uma natureza “primitiva” até transformável - com sucesso ou não - pela obra cultural mas, sempre, como um Princípio Naturado **contra** o qual a Cultura se posiciona.

Encontramos esta possibilidade mais claramente expressada no **Mal-estar na Cultura** de 1930<sup>41</sup>:

“Mais uma vez, portanto, nos contentaremos em repetir (se referindo ao **Futuro de uma Ilusão**) que o termo ‘cultura’ designa a soma total das produções e das instituições que afastam nossa vida da dos nossos antepassados animais e que servem a dois intuítos, a saber: o de **proteger o homem contra a Natureza** e o de regular os seus relacionamentos mútuos.”<sup>42</sup>

Freud se pergunta por que é que os homens civilizados têm tamanha hostilidade para com as obras da cultura. Ele conclui que é devido ao fato de que esta opera profundas constringências à vida pulsional. Mas não tem jeito, aponta Freud, o preço que se paga culturalmente é o de restringirmos e frustrarmos grande parte de nossa vida pulsional para que a convivência social possa existir com mínimas condições racionais.

A imagem que prima em Freud é a de uma Natureza **perigosa** - porque **desconhecida** - nisso, sem dúvida, ele se inscreve na tradição (do pensamento moderno. A Natureza ameaça não somente o nosso convívio cultural mas também o nosso ser individual, apesar de que o mais “essencial” no homem seja precisamente essa Natureza individuada. Conseqüentemente, nós

interpretamos que, para Freud, a Natureza somente tem valor enquanto conhecida, enquanto objeto de conhecimento permitindo, deste modo, exercitar **controles** sobre ela. Mas a cultura precisa dar proteção (**Schutz**) ao homem **contra** o quê da Natureza? Contra o descontrole? Contra sua potência irracional? Contra os imperativos instintuais? A idéia de Natureza em Freud é a de uma **ameaça** permanente e recorrente, na medida em que não sejam desvelados os sentidos ocultos dessas **forças**<sup>43</sup>.

Por outro lado, a **Kultur** deve proteger o homem, mas Freud está consciente de que essa proteção exige enormes sacrifícios ao prazer e à satisfação instintual. Daí que para minorar o mal-estar devam-se encontrar soluções intermediárias onde a cultura não desapareça sob a força da Natureza mas, também, onde a Natureza seja contida e transformada razoavelmente pela força da cultura. Como diz Assoun<sup>44</sup> o problema freudiano é o de avaliar a equação culturo-pulsional seguinte: frustração/redução = privação (**Versagung/ Einrichtung = Entbeherung**). Sabemos já que para Freud<sup>45</sup> um Monismo epistêmico é impossível para a sustentação de sua teoria. Por isso os problemas levantados por ele tenderão sempre a se resolver em dualismos de forças que entram ou não em conflito. No caso que estamos analisando, esse conflito existe, pois a frustração da pulsão se faz necessária para a cultura existir. Ou, a cultura existe porque frustra as pulsões. A questão freudiana é a de saber até que ponto essa redução da expressão pulsional se torna privação mesmo o que, segundo a avaliação de Freud, pode-se constatar no caso das neuroses. Como encontrar um **mesón** (um justo médio como propunha Aristóteles<sup>46</sup>) que articule ambas as possibilidades de modo que nem a Natureza e nem a Cultura (nem um nem outro = ne-uter= neutro) determinem absolutamente o sentido do homem? A possível resposta correta a esse desafio nos parece ser, no **Mal-estar na Cultura**, não tanto a busca de um equilíbrio homeostático dessas duas forças, mas o controle de um dos aspectos da natureza pulsional: a pulsão de morte.

A Natureza pulsional também está constituída, em Freud, por duas forças: a pulsão de morte e a pulsão de vida. O que a cultura faz é tentar limitar a expressão representativa da pulsão de morte, os

instintos agressivos: essa coerção, porém, leva de tabela a pulsão erótica. O problema principal para Freud - na nossa interpretação - será como projetar uma **aliança** entre a **Kultur** e a pulsão erótica de tal modo que esta última contribua erotizando a obra cultural e deste modo satisfazendo-se também: Eros e Cultura contra a Morte e a Destruição. Deste modo, Freud racha o monismo da idéia de Natureza (sem ter que renunciar a essa idéia) e estabelece uma nova axiologia: Natureza má = pulsão de morte/Natureza boa = aculturada. Qual o destino possível - real - dessa aliança? Freud não tem certeza:

“Do meu ponto de vista, o destino da espécie humana será decidido pela circunstância de saber até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá fazer frente às perturbações de sua vida coletiva emanadas do instinto de agressão e de autodestruição.”<sup>47</sup>

A questão que falta resolver é como, para Freud, se articula o tema do Estado em relação aos binômios estudados: **Cultura/Civilização, Cultura/Natureza, Natureza aculturada/Natureza destrutiva.**

Contrariamente a Nietzsche, o Estado não é o aliado ou o produto da **Zivilisation** contra a **Kultur**. Para Freud, O Estado é uma das instituições da Cultura. Logo, em princípio, ele está dentro da órbita das forças que devem proteger o homem contra a Natureza. A questão central é que o Estado é uma instituição cultural porém, tal como Freud analisa no seu ensaio **Considerações atuais sobre a guerra e a morte** de 1915<sup>48</sup>, que não cumpre corretamente com a sua tarefa civilizacional. O Estado torna-se monopolista do exercício da violência de tal modo, diz ele, que passa a exigir do indivíduo, tanto nos tempos de paz como nos da guerra, sacrifícios que não obtêm uma compensação adequada por parte desse mesmo Estado. O Estado se afasta do seu verdadeiro e derradeiro caminho cultural, pois somente exige dos indivíduos e não cumpre aquilo que exige dos outros.

Assim, Freud, nessa primeira tentativa de elaborar o tema do Estado, mostrar-nos-á, que dentro da própria Cultura, existem também instituições que entram em choque com o projeto universal da civilização humana. Na nossa interpretação, o Estado estabelece

uma **outra aliança** - diferente da de **Eros e Kultur** - exatamente com aquelas forças que a cultura tenta coibir: a pulsão de morte e seus representantes, o instinto de agressão e de destruição. O desvio da função cultural do Estado - que seria a de proteger o homem contra a Natureza - parece sustentado por essa aliança que se faz entre ele e a pulsão de morte. Não nos parece que Freud queira, por esse motivo, justificar o desaparecimento do Estado ou sugerir a tomada do poder do Estado para transformá-lo. O que Freud faz é, em primeiro lugar, exercer a crítica a um dos objetos politicamente centrais de toda crítica Iluminista: o Estado. Porém, e como todo bom Iluminista, ele não prega a sua desapareção, mas a sua recondução pelos caminhos da Razão, que será o tema fundamental da carta a Einstein em 1932 **Por que a guerra?**<sup>49</sup> De teor Iluminista, Freud oporá às razões de Estado a Razão da Ciência. Esta é a única, no projeto freudiano, capaz de operar essa recondução do Estado pelo caminho da obra propriamente cultural. Seria como se Freud procurasse uma via - e infelizmente não há claros indícios disso - **para desfusionar** a pulsão de morte do Estado e de reestabelecer a **aliança cultural-pulsional** correta entre o Eros e o Estado. De qualquer modo, o Estado deve trabalhar a favor do projeto civilizacional universalista da cultura humana. O desencanto de Freud para com os desvios é um sinal operativo de um questionamento que nos chega com força e que quisemos tornar problema.

## NOTAS

(1) O presente ensaio é, aproximadamente, o primeiro capítulo da minha dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, que leva por título **Por que o Estado? As práticas estatais à luz do conceito freudiano de pulsão de morte**; tese defendida e aprovada em novembro de 1993.

(2) Norbert Elias. **O Processo Civilizacional**. Vol. I e II. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 1990. O Capítulo a que vamos nos referir leva por título: "Da sociogênese dos conceitos de **Civilização e Cultura**." pp. 58-100. Vol. I.

(3) op. cit. p. 59.

(4) Immanuel Kant. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Ed. 70. pp. 21-37. 1988.

(5) op. cit. p. 32.

(6) ibidem.

(7) Jean-François Lyotard. **El Entusiasmo. Crítica kantiana de la história**. Gedisa. Barcelona. 1987. p. 131.

- (8) Emmanuel Kant. **Critique de la faculté de juger**. Par. 83. "De la fin dernière de la nature en tant que système téléologique." Gallimard. Folio. France. 1989.
- (9) Aristóteles. **Ética a Nicômaco**. Abril. Col. Os Pensadores. S. P. 1991.
- (10) Kant. op. cit. "De la téléologie éthique." p. 420.
- (11) *ibid.* p. 423.
- (12) Elias. op. cit. p. 72.
- (13) *ibid.* p. 90.
- (14) *ibidem.* p. 99.
- (15) Paul-Laurent Assoun. **Freud y Nietzsche**. F.C.E. México. 1984. Referimo-nos ao II capítulo do livro terceiro desta obra, intitulado: "Cultura y Civilización". pp. 216-235.
- (16) Federico Nietzsche. **La voluntad de poderio**. Edaf. Madrid. 1981.
- (17) op. cit. Parágrafo 121. p. 93.
- (18) Friedrich Nietzsche. **El ocaso de los ídolos**. SigloVeinte. Bs. As. 1982.
- (19) op. cit. Parágrafo 4. p. 54.
- (20) Frédéric Nietzsche. **La naissance de la tragédie**. D/Gonthier. France. 1979. Parágrafo 7. p. 51.
- (21) Georges Bataille **Sobre Nietzsche**. Taurus. Madrid. 1986. A este respeito, Bataille assinala a tendenciosa utilização de Nietzsche pelos nazistas. Nada mais anti-niezscheano do que o III Reich: "El impulso inicial de Nietzsche procede de su admiración por los griegos, los hombres intelectualmente mejor acogidos de todos los tiempos. Todo se subordina en el espíritu de Nietzsche a la **cultura**, mientras que en el Tercer Reich, la reducida cultura tiene por finalidad la fuerza militar." p. 207.
- (22) Giorgio Colli. **Despues de Nietzsche**. Anagrama. Barcelona. 1978.
- (23) op. cit. p. 39.
- (24) Friedrich Nietzsche. **La voluntad de poderío**. op. cit., Par. 330. p. 198.
- (25) *ibid.* p. 198.
- (26) *ibidem.* p. 198.
- (27) Sigmund Freud. **Obras completas**. Vol. IX. Ed. Standard brasileira. 1976. pp. 185-210. No original, o título é **Die 'kulturelle' Sexualmoral und die modern Nervositat. Studiengabe**. Fischer Taschenbuch Verlag. Germany. 1982. Por ser a edição brasileira uma tradução não do original mais da tradução inglesa, respeita-se acriticamente o termo de **civilização** utilizado pelos ingleses com a conotação próxima que os franceses dão a esse conceito. Em castelhano, **kulturelle** foi corretamente traduzido pelo termo **cultural**.
- (28) Assoun no seu **Freud y Nietzsche**, p. 218, relata numa nota de rodapé que foi numa correspondência a Fliess de 1897 que aparece **pela primeira vez** uma alusão a essa oposição. Freud escreve que "deste modo o incesto é antissocial e a cultura consiste numa progressiva renúncia do mesmo."
- (29) A tradução de algumas sentenças é feita com a ajuda do original e da tradução espanhola. Por vezes a tradução brasileira é tão pouco expressiva que será deixada de lado, como nesse caso onde diz textualmente: "Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos." p. 192.
- (30) Sigmund Freud. **Sobre una degradación general de la vida erótica**. (1912). Aguilar. Madrid. Obras completas. 1973. Tomo II. pp. 1710-1717.

(31) Este tema da **recapitulação** já estava presente em Freud em obras tais como na **Interpretação dos sonhos** de 1900 e nos **Três ensaios para uma teoria sexual** de 1905. Vide Lucille B. Ritvo. **A influência de Darwin sobre Freud**. Imago. 1992. Em especial o capítulo 5: "A Ontogenia recapitula a Filogenia." pp. 102-131. Vide ibidem. ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. Imago. 1983. Em especial o último capítulo: "Da conformidade das linguagens ao inédito do objeto." pp. 213-243. Subcapítulo 3: "O referente neo-darwinista. Freud e Haeckel."

(32) Assoun. **Freud y Nietzsche**, *ibid*.

(33) Sigmund Freud. **Totem e Tabu. Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos**. Ed. Standard Brasileira. Imago. vol. XIII. 1976. p. 96.

(34) Nesse período de desenvolvimento da teoria das pulsões, Freud fazia ainda uma oposição entre **pulsões do eu e pulsões sexuais**. Somente depois de escrever **Além do princípio do prazer** de 1920 é que ele postulará uma nova oposição: **pulsão de vida (eróticas)** contra **pulsão de morte**.

(35) Sigmund Freud. **O futuro de uma ilusão**. Edição Standard Brasileira. Imago. 1976. p. 16.

(36) Paul-Laurent Assoun. **Introdução à epistemologia freudiana**. *op. cit.*. Capítulo I da 1ª parte "O fundamento Monista".

(37) "Selvagem" é utilizado no sentido conceitual do século XIX equivalente a desconhecido e incontrolado, porém, também, originário.

(38) Clément Rosset. **A anti-Natureza**. Espaço e Tempo. SP. 1989. "A idéia de natureza nunca foi pensada, mas somente **oposta** a uma certa quantidade de fatos, atitudes e acontecimentos que ferem a sensibilidade de alguns homens." p. 23.

(39) Martin Heidegger. **Questions II**. Gallimard. Citado in Rosset. *op. cit.* "Quaisquer que sejam a força e o alcance atribuídos à palavra 'natureza', nas diversas épocas da história ocidental, em cada momento esta palavra contém uma interpretação do ente em sua totalidade - mesmo onde, aparentemente, só é entendida como noção antitética. Em todas essas distinções (Natureza-Sobrenatureza, Natureza-Arte, Natureza-História, Natureza-Espírito), a natureza não é unicamente signo de oposição, mas é propriamente primeira, porque sempre e primordialmente é por oposição à **natureza** que as distinções são feitas; por conseguinte, o que dela se distingue recebe sua determinação **a partir** dela." p. 19.

(40) As aspas indicam que tal primitivismo é obra conceitual de Freud e não nossa.

(41) Sigmund Freud. **O Mal-estar na Civilização**. Edição Standard brasileira. Vol. XXI. Imago. 1976.

(42) *op. cit.*, p. 109 Os termos em cursivas são nossos.

(43) Quando Freud fala de Natureza, ele não está somente postulando um espaço lógico de oposição à cultura, como **não-cultura**, por exemplo. Para Freud, a vida pulsional inconsciente é o modo **naturado** como se exprimem as forças da Natureza no indivíduo humano.

(44) Assoun. **Freud y Nietzsche**. *op. cit.* p. 220.

(45) Vide orientação da nota 26 mais acima.

(46) Aristóteles. **A Ética a Nicomáco**. op. cit.

(47) Sigmund Freud. **O Mal-estar na Cultura**. op. cit. p. 170.

(48) Sigmund Freud. **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. Edição Standard brasileira. Vol. VIX. Imago. 1976 (**Zeitgemasses über Krieg und Tod; Considerações atuais - Contemporâneas - sobre a guerra e a morte**)

(49) Sigmund Freud. **Por que a guerra?** Edição Standard brasileira. Vol. XXII. Imago. 1976. (**Warum Krieg**)